

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasília Class.: PIX - Quarup Veritas

Data: 20/08/85 Pg.: 717

Ministros assistem festa de indígenas

Memélia Moreira

De um lado as novas lideranças indígenas, entre elas a de Marcos Tereza, Megaron Txukarramãe e Yanukulá, demonstrando o prestígio adquirido junto à Nova República, quando três ministros de Estados (Cultura, Interior e Trabalho) voaram até o lendário Parque do Xingu. De outro, nós mestiços demonstrando que somos tão colonialistas quanto um visitante estrangeiro chegando ao Brasil: cada um com suas garrafas de água mineral industrializada, enquanto o límpido rio Tuatuari, de águas claras, desafiava as marcas das águas em garrafas plásticas. Foi assim o Quarup dos walapiti, no último domingo.

O Parque do Xingu nunca viu festa igual. O mais concorrido Quarup antes da Nova República foi em 1975, quando os Villas-Boas estavam se despedindo do Xingu. Naquele ano, 54 brancos foram à aldeia dos kamaiurá, e não esqueceram até de um gerador para que a festa se festejasse às claras. Esse ano os índios exigiram mais respeito. Não houve um gerador de luz, mas grande parte dos 150 brancos que disputaram um lugar entre os convidados dos ministérios, viveram um clima de woodstock tropical, em meio ao caminho da aldeia e do Posto Leonardo Villas-Boas.

Convite ao presidente

Tudo começou há um mês atrás quando as lideranças xinguanas foram ao Palácio do Planalto convidar o presidente Sarney para a festa dos mortos, o Quarup. O convite tinha a intenção de se iniciar uma nova fase nas delicadas relações entre as nações indígenas brasileiras e o governo. Mas um "frisson" de estar próximo ao poder, no meio da selva, começou a povoar os sonhos dos que conseguem circular nos corredores dos ministérios. E as pressões contra o chefe da Comunicação Social do Ministério da Cultura começaram.

"Tem que levar fulano, ele é ligado a sicrano que está fazendo um filminho sobre os yanomami". Essa era uma das muitas frases ouvidas no Ministério da Cultura, na semana que antecedeu ao Quarup. É preciso lembrar que os yanomami estão a mais de três mil quilômetros dos xinguanos e as culturas são completamente diferentes. E, nesse clima todo, embarcaram gregos e troianos numa revoada jamais vista, no campo de pouso do Posto Leonardo Villas-Boas.

Na sede do Parque, ao sul do Xingu, Megaron, o diretor, estava nervoso. Com a hospitalidade que caracteriza seu povo, os kaiapó, ele temia que os **caraibas** (branco) saíssem falando mal dos índios, "porque nós não estamos preparados para alojar todo mundo e nem tem tanta comida". Foi uma preocupação inútil, pois os **caraibas** pouco reclamaram, extasiados pelas pinturas fortes do urucum, jenipapo e os cocares soberbos que os kalapalo, waurá, meinaco e kamaiurá exibiam durante o ritual.

Festa

Os visitantes começaram a chegar no sábado de manhã, mas foram proibidos de ir à aldeia dos walapiti, onde os troncos do Quarup, simbolizando os mortos, estavam sendo pintados. Por volta do meio-dia, chegou a liberação para os fotógrafos. Meia hora na aldeia e, novamente, os índios mandaram os visitantes sair. Afinal de contas, as exclamações de deslumbramento e as perguntas descabidas incomodavam o ritual.

A tarde, o ministro Aloísio Pimenta chegou. Abraçando aos caciques Raoni e Prepori, ele visitou as instalações do Posto Leonardo Villas-Boas e ficou impressionado com as condições da sala de aula. Alertando de que o Xingu ainda é a vitrine do indigenismo brasileiro, Pimenta fez uma promessa: vai visitar os esquecidos e discriminados pataxó há-há-hãe do sul da Bahia.

O ministro conquistou os índios porque passou a noite assistindo o ritual, descansando apenas algumas vezes. A convite do antropólogo Olímpio Serra, ex-diretor do Parque do Xingu, Aloísio Pimenta participou do ritual "para chorar os milhões de índios brasileiros exterminados".

No dia seguinte, mais dois ministros de Estado: Costa Couto, do Interior, e Almir Pazzianotto, do Trabalho. Eles chegaram no final da festa e não tiveram tempo de se habituar à magia do ritual, além de terem atrasado a apresentação dos guerreiros para o huka-huka.

Meio-dia, os Buffalos e os aviões Bandeirantes esquentam os motores para o retorno a Brasília. Desorganizados, os brancos novamente disputam lugares para chegar primeiro. Hoje, em São Paulo, Rio e Brasília, estão contando a "grande festa", sem saber que no Quarup se chora os massacres e as lutas que os xinguanos tiveram para manter intacto o território ainda ameaçado.